

## **O Processo Criativo de Capas de Discos e o Papel da Biografia nesse Contexto: os Casos de Roger Dean, Andy Warhol, Elifas Andreato e Gringo Cardia<sup>1</sup>**

Valéria Nanci de Macêdo SANTANA<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Bahia, Bahia, BA

### **RESUMO**

A criação de capas de discos, bem como qualquer outro processo criativo, passa por uma série de etapas fundamentais à sua existência — muitas vezes engloba, até mesmo, aspectos das vidas de seus autores. Neste artigo tratamos de 4 (quatro) casos específicos que tiveram na biografia de seus criadores detalhes que interferiram, diretamente, em produções de capas de discos ao longo da história, a exemplo de Roger Dean, Andy Warhol, Elifas Andreato e Gringo Cardia. Para isso, fizemos uma pesquisa documental e um levantamento de algumas das suas principais criações, cruzando dados e analisando aspectos inerentes às mesmas que nos dessem respaldo na escrita deste artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Processo Criativo; Capas de Discos; Biografia.

### **1. INTRODUÇÃO**

Nossas vidas desde que nascemos traçam, dia a dia, ponto a ponto, tudo o que nos somos em tempo presente. Com efeito, o que nos tornamos pessoalmente, muitas vezes, se reflete em nossas profissões e no modo como lidamos com elas – mas, isso não é regra. Pode-se dizer que, por vezes, nossa trajetória nos traz decisões de trabalho que expressam detalhes de nossas vivências. Pois bem, o papel da biografia na feitura da obra de um artista de capas de discos, por exemplo, pode ser determinante na compreensão daquilo que este expressa — biografia aqui entendida como a história de vida de cada pessoa. Com efeito, não há como tratar de tal assunto sem fundamentar este artigo em casos específicos de criadores de capas de discos capazes de imprimir um tanto de suas próprias vidas em suas obras, ao longo do tempo, por essa ótica biográfica. Assim, para melhor ilustrar o que dizemos, optamos por escolher autores — 2 (dois) internacionais Roger Dean e Andy Warhol; e 2 (dois) nacionais Elifas Andreato e Gringo Cardia — que imprimiram em seus projetos gráficos elementos de suas vivências mais profundas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade – POSCULT-UFBA, email: [valeriananci@ig.com.br](mailto:valeriananci@ig.com.br).

## 2. CAPAS DE DISCOS: PROCESSO CRIATIVO E O PAPEL DA BIOGRAFIA

A criatividade traz uma gama de possibilidades diante das inúmeras vertentes que esta engloba. “Criatividade ocorre toda vez que alguém diz, faz ou executa alguma coisa que é nova, seja no sentido de “alguma coisa do nada” ou no sentido de dar um novo caráter a algo existente” (HOWKINS, 2007, p.ix). Aqui, em específico, enfocando o das capas de discos, deparamo-nos com um processo criativo grandioso por sua importância na indústria fonográfica, mas, e, sobretudo, pela relevância histórica que deixa de legado.

Quando começamos a, efetivamente, imaginar este artigo, pensamos na possibilidade de tentar compreender as motivações de um capista<sup>3</sup> para a produção de determinadas capas de discos: é que o processo de criação das coisas sempre nos encantou. De documentários, passando por fotografias, músicas, dentre tantas coisas, queríamos entender de onde vinham as ideias e seus autores e onde queriam chegar. E que tal a própria biografia ser esta motivação?! Sim, a biografia! Ela, desde a infância até a adolescência, chegando à vida adulta, influencia, por vezes, diretamente, em tomadas de decisões criativas – decisões estas que, vez ou outra, nos mostrarão a detalhes desta ou daquela pessoa, impressa naquilo que faz.

Percebemos, assim, que, seja no âmbito nacional ou internacional, as capas de discos, muitas vezes, se delineiam a partir da história de seus autores: são eles os responsáveis por transportar muito de suas vidas para suas produções. Deste modo, foi passeando pela obra de grandes capistas de elepês que nos demos conta do quanto seus trabalhos refletiam seus mundos. Lugares próprios, cheios de significados, muitas vezes felizes, outras vezes tristonhos, mas sempre seus mundos. Entre infâncias, adolescências, fase adulta, primeiro emprego, experiências sexuais, etc., tudo – mas, tudo mesmo – tornou-se ingrediente para cada um, em sua particularidade, exprimir através de suas vivências, manifestações em obras fonográficas.

(...) por que fascinam as trajetórias individuais? A fascinação não advém da singularidade? Provavelmente. Cada vida é una, indivisível, irrepitível, intransmissível. O fascínio pelo Uno é ancestral, remonta às origens da própria Filosofia. O Uno contraposto ao Múltiplo gerou elucubrações situadas na base de todos os esforços metafísicos. Desde os filósofos denominados pré-socráticos, essa mística do Uno foi transformada em motivo de reflexão acerca da natureza do universo: o Uno seria a propriedade de tudo que é, do universo como Unidade. Opondo-se ao Múltiplo, que é ilusão e opinião, o Uno seria verdade, simplicidade, uniformidade e identidade pura (CARINO, 1999, p. 154)

---

<sup>3</sup> Denominação, aqui utilizada, para referenciar aquele que faz capas de discos.

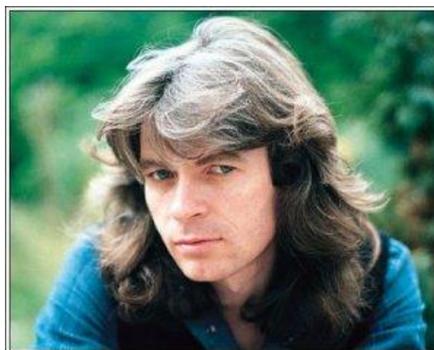
Entre percepções internas/externas, o fato é que entender a biografia pode ser determinante para a compreensão da obra de um autor de capa de disco: o por quê do uso dessa ou daquela cor; dessa ou daquela fotografia; desse ou daquele enquadramento; desse ou daquele personagem; desse ou daquele... desse ou daquele... Entretanto, vale ressaltar que aspectos como o conteúdo do disco, sua mensagem político-musical, sonoridade, arranjo, harmonia, interpretação, tudo isso também pode ser ingrediente para a decisão de feitura da mesma.

## **2.1- CAPAS DE ELEPÊS INTERNACIONAIS: OS CASOS DE ROGER DEAN E ANDY WARHOL**

As capas de discos internacionais, muitas delas, obviamente, foram geradas por fatores diversos – talvez algumas até de modo aleatório. Porém, escolhemos aqui capas confeccionadas por dois capistas que tiveram suas produções influenciadas por aspectos de suas vidas pessoais, para ilustrar nossos exemplos: Roger Dean e Andy Warhol. Falar destes “gênios” e de suas capas é trazer à tona as mais fabulosas produções imagéticas para elepês já feitas via aspectos biográficos no mundo.

### **2.1.1- ROGER DEAN: ENTRE ARCOS, PEDRAS E ILHAS FLUTUANTES**

Roger Dean (figura 1) é nome certo quando se trata do assunto produção imagética fonográfica: um grande artista visual de capas de discos a ser estudado. Dean é uma grande referência nesta área para quem pretende trabalhar com a pesquisa e análise de capas de discos. Ao buscar embasamento para esta tese, compreendemos a importância deste e de toda sua produção no mundo – e o tomamos como exemplo.



**Figura 1- Roger Dean**

Fonte: <https://rockprogart.wordpress.com/tag/roger-dean-biografia>

Roger Dean, nascido a 31 de agosto de 1944 em Ashford, na Inglaterra, ficou “(...) Mundialmente conhecido a partir do final da década de 60 por trabalhar nas capas mais fantásticas de álbuns principalmente de Rock Progressivo”<sup>4</sup> (figura 2).



**Figura 2 - Capas de discos para elepês feitas por Roger Dean: (a) 1972 - *The Magician's Birthday* (Uriah Heep). (b) Yes – ‘*Tales from Topographic Oceans*’ (1973). (c) McKendree Spring - *Spring Suite* (1973). (d) Asia – ‘*Alpha*’ (1983)**

Fontes: <https://cademeuwhiskey.wordpress.com/2013/04/19/o-rock-em-10-belas-capas-de-disco/>.  
<https://cademeuwhiskey.wordpress.com/2013/04/19/o-rock-em-10-belas-capas-de-disco/>.  
<http://www.stonethrow.com/messageboard/index.php?showtopic=20314&page=2>.  
<https://www.pinterest.com/pin/232709505718209710/>.

Trabalhava com design, “(...) em suas palavras, invenção”<sup>5</sup>. Criou algumas das imagens mais excepcionais e fabulosas da década de 1970 e 80, tornando-se ícone por décadas e décadas. (...) estudou no Royal College of Art e ganhou notoriedade cedo<sup>6</sup>.

As produções capistas do Dean se caracterizam por uma visão única. Uma verdadeira viagem a um mundo novo. Encantador. Dizia ele: “‘Eu não penso em mim como um artista do fantástico, mas como pintor de paisagens’ (Roger Dean)”<sup>7</sup>. E ele realmente era. Um paisagista: “Dean se definia a si mesmo como um paisagista e não como um artista fantástico. Suas características paisagens mostram estranhos arcos de pedra, ou ilhas flutuantes”<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> Fonte: <https://rockprogart.wordpress.com/tag/roger-dean-biografia/>.

<sup>5</sup> Fonte: <https://rockontro.org/2013/07/04/as-fantasticas-paisagens-das-capas-de-roger-dean/>.

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.artedesigncultura.com.br/roger-dean/>.

<sup>7</sup> Fonte: <https://rockontro.org/2013/07/04/as-fantasticas-paisagens-das-capas-de-roger-dean/>.

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.taringa.net/posts/arte/10405799/Roger-Dean.html>.

Num mergulho em seu trabalho, pode-se dizer que paisagens fabulosas e exóticas era o que de melhor sabia inventar: realmente genial. Desse modo, muitos são os que ficam boquiabertos com suas obras e viajam nelas:

Eu pegava as capas dos discos do **Yes**, principalmente a do “**Relayer**”, e ficava passeando por aqueles caminhos de sonho e imaginando o que encontraria em cada canto escondido daqueles planetas misteriosos (pois aquilo não parecia ser deste mundo). (...) consegui criar um estilo distinto e inimitável com suas ilustrações, tanto que basta-nos uma simples olhada para dizermos: “esta é uma capa desenhada por Roger Dean”<sup>9</sup>.

Mas, de onde vinha tanta inspiração e criatividade? Mergulhando um pouco na vivência desse capista, descobre-se em sua história de vida alguns ingredientes fundamentais para sua miscelânea fantástica de imagens. Dean foi, de certo modo, um nômade, “(...) tendo passado a maior parte da infância viajando pelo mundo, pois seu pai fazia parte da Marinha Britânica retornando a Inglaterra em 1959”<sup>10</sup>. Além das longas viagens de navio, “(...) após completar o ensino médio estudou na Escola Canteburry de Arte tornando-se Publicitário e Artista”<sup>11</sup> - tudo isso, certamente, o determinou no seu processo criativo, bem como, as influências de pintura e literatura: o que lhe permitia ir além de um imaginário superficial.

Dean inicialmente trabalhava com aquarelas, atualmente em muitas obras utiliza varias técnicas: tinta, lápis, colagem, esmalte e outras absorveu várias influências mas talvez as maiores tenham vindo dos antigos pintores chineses e da literatura de Tolkien<sup>12</sup>.

A realidade é que Dean a partir de suas viagens com seu pai na Marinha Britânica e de suas próprias incursões na pintura chinesa e na literatura de Tolkien transportou-nos para um mundo que antes era só seu, e transformou-o em nosso! “Junto com artistas como Storm Thorgerson (*Hipgnosis*) Roger Dean modificou o status das capas de álbuns, elevando-as da mera embalagem para obras de arte”<sup>13</sup>.

Ilustrando através de suas paisagens fantásticas e coloridas capas memoráveis através do desenho como um todo, e de uma caligrafia única, foi com a capa de *Tales from Topographic Oceans* (figura 2b), e algumas outras, que Dean ganhou a admiração de milhões de fãs em todo o mundo.

Em verdade, podemos dizer que Dean primeiro viajou o mundo com seu pai. Depois, nos fez viajar sem sair do lugar!!!

<sup>9</sup> Fonte: <https://rockontro.org/2013/07/04/as-fantasticas-paisagens-das-capas-de-roger-dean/>.

<sup>10</sup> Fonte: <https://rockprogart.wordpress.com/tag/roger-dean-biografia/>

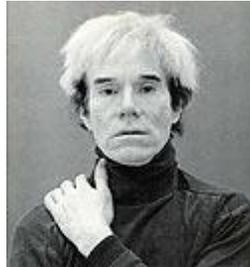
<sup>11</sup> Fonte: Ibdem.

<sup>12</sup> Fonte: Ibdem.

<sup>13</sup> Fonte: <http://www.artedesigncultura.com.br/roger-dean/>.

### 2.1.2- ANDY WARHOL: ENTRE REPRESSIONES, PROVOCAÇÕES E REVOLUÇÕES

Andrew Warhola ou simplesmente Andy Warhol (figura 3), foi um desses artistas plásticos e cineastas norte-americanos mais renomados que já existiram na história mundial.



**Figura 3 – Andy Warhol**

Fonte: <http://www.arqnet.pt/portal/biografias/warhol.html>.

Nascido a 6 de Agosto de 1928, em Pittsburgh, nos E.U.A. e tendo morrido a 22 de Fevereiro de 1987, em Nova Iorque, todos os seus trabalhos, e aqui especialmente suas capas de discos, trouxeram uma identidade carregada de sua vida pessoal (figura 4). A timidez, por exemplo, advinda da infância doente, foi uma das motivações de suas produções.



**Figura 4 – Capas de discos para elepês feitas por Andy Warhol: (a) The Velvet Underground. The Velvet Underground & Nico (1967). (b) The Rolling Stones. Sticky Fingers (1971). (c) The Rolling Stones. Love You Live (1977). (d) Billy Squier. Emotions in Motion (1982).**

Fontes: [http://www.popsdiscos.com.br/detalhe.asp?shw\\_ukey=01583](http://www.popsdiscos.com.br/detalhe.asp?shw_ukey=01583).

<http://www.rollingstones.com/stickyfingers/>.

<http://www.rollingstones.com/release/love-you-live>.

<http://azintex-music.com/index.php?productID=2930>.

Terceiro e último filho de emigrantes da Checoslováquia, de apelido Warhola, o pai, Andrei, veio para os Estados Unidos para evitar ser recrutado pelo exército austro-húngaro, no fim da Primeira Guerra Mundial. Em 1921 a mulher, Julia, juntou-se-lhe, tendo a família ido viver para Pittsburgh. Durante essa época Andy foi atacado por uma doença do sistema nervoso central, que o tornou bastante tímido<sup>14</sup>.

Por causa dessa timidez, Andy começou a estudar no liceu de Schenley e a frequentar aulas de arte do Museu Carnegie, no entanto “(...) teve que se esforçar bastante, sobretudo na cadeira de Expressão, devido ao seu deficiente conhecimento do inglês, já que a mãe nunca tinha deixado de falar checo em família”<sup>15</sup>. E foi aí que começou a se revelar a face mais revolucionária dele, já que “(...) nas aulas artísticas, em vez de ter Andrew criava problemas, ao não aceitar seguir as regras estabelecidas”<sup>16</sup>.

Contra as regras, inovador e provocativo, as questões sexuais que lhe seguiam começaram também a fazer parte de sua ideologia e forma de expressão: “(...) Acabou a licenciatura com uma menção honrosa em desenho. (...) Contratado pela revista *Glamour*, começou por desenhar sapatos, mas os primeiros desenhos apresentados tiveram de ser refeitos devido às suas claras sugestões sexuais”<sup>17</sup>.

Durante esse período da universidade o tom provocativo já era sua tônica

(...) seus quadros e desenhos revelavam seu talento provocativo em obras como "A desgraçada me pariu com essa cara, mas eu posso cutucar meu próprio nariz", um desenho em têmpera e tinta acrílica que mostra um garoto enfiando o dedo de forma raivosa num nariz desproporcional<sup>18</sup>.

A verdade é que Andy sofreu muito na infância e adolescência, foi até mesmo rejeitado, e se sentia mal por isso, mas aproveitava seu tempo doente para leituras que o ajudariam, e muito, no grande artista que se tornaria.

Durante a infância e a adolescência, Andy praticamente viveu de estudar e frequentar a igreja católica bizantina de São João Crisóstomo, além de passar vários períodos doente na cama, quando desfrutava de suas leituras de revistas sobre as estrelas do cinema, como Greta Garbo e Shirley Temple. Sem dinheiro para brinquedos ou outras diversões, colecionar fotografias das atrizes de Hollywood virou um dos passatempos de Andy e já mostrava a obsessão que ele teria com as celebridades pela vida toda. Com oito anos de idade Andy teve uma febre reumática e o primeiro de três episódios de colapso nervoso que o acometeriam entre os oito e os dez anos de idade. Com uma saúde frágil, Andy ainda teve de enfrentar uma puberdade que modificou suas feições tirando qualquer possibilidade dele ser um dia atraente<sup>19</sup>.

---

<sup>14</sup> Fonte: <http://www.arqnet.pt/portal/biografias/warhol.html>

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Fonte: <http://lazer.hsw.uol.com.br/andy-warhol.htm>.

<sup>19</sup> Ibidem.

Reprimido que era, foi no uso das cores e de conotações sexuais que Andy revelara, cada vez mais, um efeito revolucionário. Foi em 1961, com sua arte experimental, a Pop Art, que ele começou a ganhar notoriedade, em especial nos Estados Unidos – e mais ainda passados 2 anos.

Warhol produziu obras que refletiram sua admiração pela cultura popular e pelos produtos da cultura de consumo norte-americana. (...) Andy Warhol foi responsável por infringir várias normas e destruir outras tantas tradições das belas-artes. Mas uma das mais impactantes foi ele ter levado para a arte a mesma divisão de trabalho que existia num processo de produção numa fábrica e concebê-la da mesma forma que a arte comercial. Seu interesse pela reprodução, pela cópia, pelo simulacro, pela impressão e seu desprezo pelo original dentro da ideia de dar ao desenho um aspecto de publicado ajudaram a desmitificar a ideia do "criador", do "autor" solitário e responsável por toda a obra. Além disso, Warhol tinha uma visão que desdenhava da "seriedade" e da "arte real" exposta nas galerias<sup>20</sup>.

As produções capistas de grande sucesso de Andy, por exemplo, devem muito à rejeição, tanto sexual, quanto das suas feições pós-doença que ele sofreu: ela tornou-se mola propulsora para uma arte inigualável – além, é claro, de sua “(...) herança cultural baseada na religião e na arte popular transmitida principalmente pela mãe”<sup>21</sup>.

## **2.2 – CAPAS DE ELEPÊS NACIONAIS: OS CASOS DE ELIFAS ANDREATO E GRINGO CARDIA**

No caso das capas de elepês nacionais, tanto quanto os internacionais, observa-se que as variáveis da história de vida específicas de cada pessoa determinaram muitas das produções capistas. Citar os casos de Elifas Andreato e Gringo Cardia é falar de dois grandes personagens contemporâneos da criação de projetos gráficos para a indústria fonográfica brasileira – e porque não dizer, também, mundial. Dois grandes artistas visuais, completamente diferentes e igualmente importantes.

### **2.2.1- ELIFAS ANDREATO: ENTRE O HUMANO E O DESUMANO**

Elifas Andreato (figura 5) – artista gráfico, cenógrafo e jornalista – nasceu em Rolândia (PR), em 1946, e é um desses capistas que se pode dizer que imprime em suas produções o compromisso social a partir de sua dura história de vida.

---

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> Ibidem.



**Figura 5 - Elifas Andreato**

Fonte: <http://marcosresende41.blogs.sapo.pt/2015/05/16/>.

Filho mais velho de pai alcóolatra, morava num cortiço e queria ajudar a mãe. Passando sérias dificuldades, sofria com a pobreza extrema. É um dos mais importantes artistas gráficos da atualidade, tendo feito mais de 500 capas de discos.

Sua trajetória, dentro das artes nacionais, é única: saiu de uma condição miserável no interior do Paraná, conviveu com o analfabetismo até a adolescência, foi operário e militante político perseguido pela ditadura. Sem instrução formal tornou-se referência no meio intelectual e artístico do país. E, sem nunca ter passado por um banco de escola, Elifas Andreato chegou a ser professor de Artes na USP<sup>22</sup>.

Sem dúvida alguma, o grande diferencial da obra desse artista é o lado humano retratado em suas capas de discos (figura 6).



**Figura 6 - Capas de discos para elepês feitas por Elifas Andreato: (a) Martinho da Vila (1976). (b) Clara Nunes (1979). (c) Chico Buarque (1984). (d) Paulinho da Viola (2000).**

Fonte: <http://www.emporioelifasandreato.com.br>

<sup>22</sup> Fonte: <http://www.consciencia.net/2003/12/12/elifas.html>

Elifas sempre foi um homem preocupado com causas nobres, por isso fazia capas cheias de sentimento de humanidade. Ainda jovem, os quadros que pintava já o direcionariam para essas características de arte. Disse ele em entrevista: “(...) além das pinturas decorativas, pintava uns quadros. Umas coisas terríveis. Tinham a ver com minha história, eram figuras desesperadas, crianças abandonadas, famílias desestruturadas” (FÍGARO, 2006, p. 235).

Tendo sofrido preconceito com sua condição de vida/classe social, sua trajetória foi permeada por características de um sentimento de superação. Tanto que buscou na visão política um entendimento do porquê de tudo o que passara. Ao produzir capas, tal era sua preocupação com o lado humano, que o mesmo buscou meios para tornar seu trabalho de mais respeito e compromisso social.

Sua grande contribuição à cultura nacional, porém, data de 1970, quando o jovem artista, apaixonado por música brasileira, foi responsável pelo projeto gráfico da coleção História da MPB, que marcaria época pela Editora Abril. Os LPs eram vendidos em bancas de revistas. (...) Traziam uma diagramação revolucionária para a época e eram feitos após rodadas de chope e de sinuca, que Elifas promovia com os compositores a quem ia retratar. Isso serviu para que o jovem paranaense conhecesse intimamente os artistas a quem estava retratando, imprimindo nelas a personalidade de cada um<sup>23</sup> (Figura 7).



**Figura 7 – Capa de Elifas Andreato para a Coleção História da MPB (edição Milton Nascimento)**

Fonte: <http://www.clasf.com.br/q/lps-colecao-historia-mpb/>.

Elifas sempre teve características únicas. Durante o período em que trabalhou na revista Realidade, por exemplo, desabafou:

Durante aquele período, com aquelas pessoas, descobri não ser capaz de ficar indiferente ao que se passava na vida dos outros brasileiros e dos seres humanos no mundo. Comecei a entender que ser humano é estar vivo dentro do planeta; portanto, qualquer coisa de bom ou ruim que aconteça, tem a ver com a gente. Comecei a definir que seria artista gráfico, porque não queria pintar quadro para ficar pendurado na parede de uma casa... queria me comunicar com os meus iguais (FÍGARO, 2006, p. 236-237).

Uma história de vida tão rica só poderia produzir uma obra igualmente rica. O Elifas tornou-se referência e ganhou reverência. Procurado e indicado por/para aqueles

<sup>23</sup> Ibidem.

que desejam ser designers de capas de discos ou de alguma outra vertente ligada a essa profissão. Uma pessoa de valor humano que prezou e preza o ser ao invés do ter.

## 2.2.2- GRINGO CARDIA – ENTRE DIVERSIDADE E SEQUÊNCIAS MISTURADAS

Waldimir Cardia Júnior, mais conhecido como Gringo Cardia (figura 8), é um dos capistas de discos de maior destaque, reconhecimento e respeito no Brasil. É um daqueles casos de interessante processo de formação que acabou por resultar numa boa mistura em seus projetos gráficos: “Formado em arquitetura no início dos anos 1980 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), (...) foi um dos protagonistas do design gráfico ligado ao apogeu da indústria fonográfica brasileira, e de onde partiu para a cenografia e a direção de shows”<sup>24</sup>.



**Figura 8 – Gringo Cardia**

Fonte: <http://lulacerda.ig.com.br/artistas-brasileiros-ocupam-londres/>.

Sua paixão por discos e suas capas vem de muito cedo. Sobre a adolescência, disse ele, certa feita:

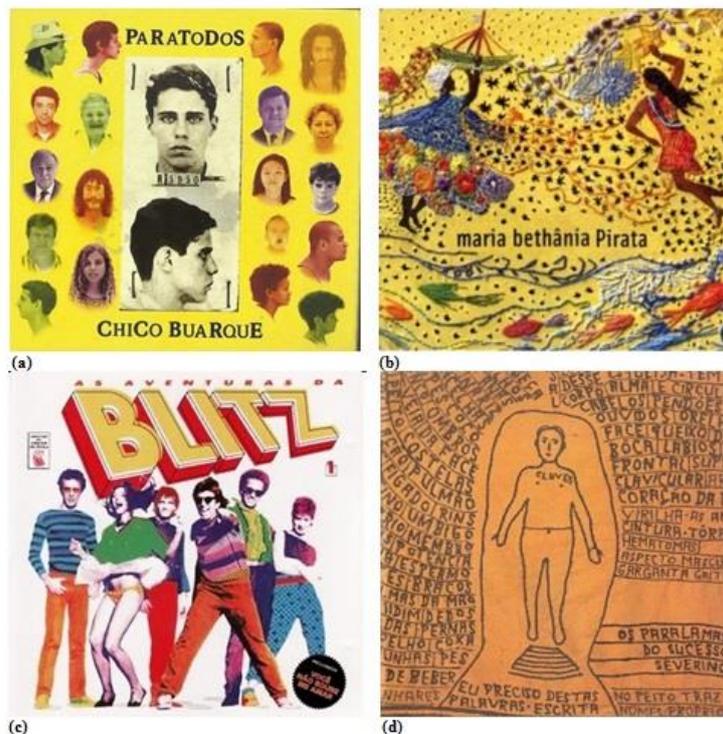
Minha vida também sempre foi marcada pela música: ainda guardo todos os discos de meus 15 anos, que são referências para mim. Eu me lembro de que guardava a mesada para comprar um disco e depois ficava admirando a capa durante todo o ano - como Imagine, de John Lennon. (...) Acho que a música foi de certa forma tomada pela publicidade, a imagem está perdida. Sempre brigo com as gravadoras para que não deixem a capa com feição de publicidade<sup>25</sup>.

Mas, Cardia nunca foi um homem de uma só faceta. Passeou, e passeia, em vários âmbitos, além da arquitetura, artes gráficas e cenografia (como para o consagrado espetáculo *Cirque du Soleil* coreografado por Deborah Colker): museologia, fotografia, direção de arte de shows, teatro, desfiles de moda e criação de videografias são outras

<sup>24</sup> Fonte: [https://arcoweb.com.br/projetodesign/entrevista/gringo-cardia-o-arquiteto-23-04-2008\\_](https://arcoweb.com.br/projetodesign/entrevista/gringo-cardia-o-arquiteto-23-04-2008_)

<sup>25</sup> Ibidem.

tantas vertentes desse incansável - daí vem a diversidade que caracteriza suas capas de discos (figura 9).



**Figura 9 - (a)Paratodos de Chico Buarque (1993). (b)Pirata de Maria Bethânia (2006) As aventuras da Blitz (1983). (c)As aventuras da Blitz (1983). (d)Severino – Paralamas do Sucesso (1994)**

Fontes: <http://www.radio.ufscar.br/conversadebotequim/?p=479>.

<http://blogdochicomacado.blogspot.com.br/2012/07/refem-da-voz-de-maria-bethania.html>.

<http://osomdovinil.org/blitz-as-aventuras-da-blitz/>.

<http://megarockbrazil.blogspot.com.br/2015/09/os-paralamas-do-sucesso.html>.

Sem dúvida alguma as influências da faculdade o tornaram um profissional de uma estética própria. De acordo com o próprio Cardia,

Na arquitetura, por exemplo, convivi com Chico Diaz [ator], Herbert Vianna [músico], Lena Brito [atriz também envolvida com dança], e conheci [a coreógrafa] Deborah Colker. (...) Minha primeira identificação profissional foi com Luís Stein, também na arquitetura, que foi meu sócio na Bela Arte durante cerca de dez anos. Eu tinha acabado de chegar do Rio Grande do Sul, onde nasci, e me sentia deslocado. Fui me integrando ao Rio de Janeiro através dessas pessoas e das festas na zona sul carioca. Morava em Niterói e vivia procurando abrigo na casa de amigos, com uma mochila nas costas - até a apelidaram de âncora, porque ela ficava onde caísse. Luís gostava de história em quadrinhos, eu desenhava bem, e as associações foram se formando. Atores, músicos, dançarinos, todos conviviam na faculdade de arquitetura - acho que esse curso é o nosso segundo grau<sup>26</sup>.

Chegou a trabalhar gratuitamente para ficar perto do ambiente artístico e do espetáculo. Um sujeito que procurava se informar sobre carpintaria para construir cenários. Dizia adorar trabalhar com o novo. Assim como Elifas Andreato, ele ouvia as

<sup>26</sup> Ibidem.

peças antes de sua criação para pensar no conceito: “Deixo meu entendimento e as idéias caminharem intuitivamente. O principal, sobretudo para o começo da criação, é ter o conceito bem embasado intelectualmente, a idéia delineada, sem, contudo, sentir-se preso, amarrado”<sup>27</sup>.

Em seus projetos, há sempre uma constante: a mistura de elementos.

(...) há anos guardo exemplares de revistas de moldes de roupas porque me encantam o emaranhado de linhas e a habilidade das pessoas em ler seqüências misturadas. Sempre achei aquilo interessante. (...) Acho que há coisas de que gostamos e, quando se trabalha com o visual, acumulamos pensamentos sobre essas preferências<sup>28</sup>.

Seu diferencial estava na forma mais trabalhosa de se fazer as coisas, mais diferente. “Aprendi isso com meu pai; ele sempre disse que tudo tem que ser fora de série”<sup>29</sup>. E, para ser esse fora de série, Cardia, assim como Roger Dean, viajava muito e utilizava estas experiências de inspiração para seus trabalhos:

Primeiro vou à feira, para ver como as pessoas convivem, o que comem, que frutas são vendidas. Depois saio andando pelas ruas. É legal visitar monumentos históricos, mas, para mim, isso fica em terceiro plano. Procuro inicialmente sentir o lugar, entrar no ritmo daquelas vidas, que é diferente do meu, e acho que o olho do arquiteto, do artista visual, é um scanner. Olhamos tudo, qualquer detalhe interessa como possível indício de inventividade que, certamente, servirá de inspiração um dia. Também gosto de ir ao centro das cidades, conhecer os lugares religiosos, porque, concordemos ou não com suas especificidades, a religião tem a ver com a dinâmica coletiva. (...) Sempre que posso vou ao centro, é um prazer enorme para mim. Nosso Saara é uma maravilha, como a 25 de Março em São Paulo: são locais onde se encontram as coisas mais interessantes, surgem as idéias através de outras idéias que vejo na rua. Posso passar o dia todo dentro de uma loja de tecidos na 25 de Março e até aquelas que vendem as coisas mais vagabundas são ótimas para inspiração. Essa bagulhada chinesa é muito inventiva<sup>30</sup>.

Envolvido com projeto para periferias – “(...) projeto Estética da Periferia, que, primeiro no Rio e depois no Recife, buscou apresentar traços criativos retirados de regiões periféricas”<sup>31</sup> –, muito de sua obra faz uma referência a isso, através da descontextualização: o que o torna um sujeito em eterna construção imagética.

É interessante saber, por exemplo, que além da vivência *in loco* periférica, ele também foi à Amazônia para criar um espetáculo sobre a natureza e se utilizou disso para criações futuras: “(...) parti do curso d’água de Lina Bo Bardi (...) para criar a maquete com plantas naturais. (...) Também utilizamos o imaginário infantil,

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> Ibidem.

<sup>30</sup> Ibidem.

<sup>31</sup> Ibidem.

---

representando a vida das crianças através dos brinquedos que existem por lá”<sup>32</sup> – experiências, muitas vezes, transportadas para suas capas de discos.

Um homem que gosta de viajar, conhecer para depois conceber. Uma vida marcada por misturas. Capas cheias de sequências, diversidades e mil figuras representativas deste grande capista brasileiro.

### 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

É ela, a história de vida de cada um — suas experiências — que, muitas vezes, tanto influencia e impulsiona uma capa de disco ser dessa ou daquela forma. Roger Dean, Andy Warhol, Elifas Andreato, Gringo Cardia, e tantos outros exemplos que poderíamos citar, todos eles retrataram em suas capas de discos um tanto do que viveram. As percepções externas e internas de mundo, a sensibilidade, fizeram desses autores referências visuais fonográficas via processo biográfico. O embasamento, a compreensão de mundo, e o entendimento de seus papéis de vivência, os tornaram indivíduos que fizeram de suas produções a extensão de suas existências.

Da infância à adolescência, da passagem ou não por universidades e escolas de arte, das experiências profissionais mais ou menos boas, tudo, absolutamente tudo, tornou-se matéria-prima para os capistas de discos e suas obras aqui citadas.

Os fatores que atuam na formação do sujeito, desde a influência daquele pai (no caso do Roger Dean), ou simplesmente por questões sexuais e timidez (Andy Warhol), ou até mesmo financeiras (como o caso do Elifas Andreato), ou por intermédio dos amigos de faculdade e vivências *in loco* (Gringo Cardia), tudo pode ser determinante, relevante, implementado na criação, cabendo a nós, entender que a biografia dos autores nos ajuda, muitas vezes, na compreensão do processo criativo de feitura das capas de discos.

### REFERÊNCIAS

CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa**. Educação & Sociedade, ano XX, nº 67, Agosto/99.

FÍGARO, Roseli. **A arte de Elifas Andreato**. Comunicação & educação. Ano XI. Número 2. maio/ago 2006.

HOWKINS, John. **The Creative Economy: How People Make Money from Ideas**. London: Penguin Books, 2007.

---

<sup>32</sup> Ibidem.

### **Websites pesquisados**

<http://azintex-music.com/index.php?productID=2930>. Acesso em: 12.11.2016

<http://blogdochicomacedo.blogspot.com.br/2012/07/refem-da-voz-de-maria-bethania.html>. Acesso em: 28.08.2016.

<http://lazer.hsw.uol.com.br/andy-warhol.htm>. Acesso em: 22.09.2016.

<http://lulacerda.ig.com.br/artistas-brasileiros-ocupam-londres/>. Acesso em: 22.10.2016.

<http://marcosresende41.blogs.sapo.pt/2015/05/16/>. Acesso em: 28.05.2016.

<http://megarockbrazil.blogspot.com.br/2015/09/os-paralamas-do-sucesso.html>. Acesso em: 28.05.2016.

<http://osomdovinil.org/blitz-as-aventuras-da-blitz/>. Acesso em: 22.10.2016.

<http://www.arqnet.pt/portal/biografias/warhol.html>. Acesso em: 27.10.2016.

<http://www.artedesigncultura.com.br/roger-dean/>. Acesso em: 18.11.2016.

<http://www.clasf.com.br/q/lps-colecao-historia-mpb/>. Acesso em: 20.11.2016.

<http://www.consciencia.net/2003/12/12/elifas.html>. Acesso em: 23.09.2016.

<http://www.emporioelifasandreato.com.br>. Acesso em: 23.09.2016.

[http://www.popsdiscos.com.br/detalhe.asp?shw\\_ukey=01583](http://www.popsdiscos.com.br/detalhe.asp?shw_ukey=01583). Acesso em: 09.12.2016.

<http://www.radio.ufscar.br/conversadebotequim/?p=479>. Acesso em: 10.12.2016.

<http://www.rollingstones.com/release/love-you-live>. Acesso em: 07.11.2016.

<http://www.rollingstones.com/stickyfingers/>. Acesso em: 03.11.2016.

<http://www.stonethrow.com/messageboard/index.php?showtopic=20314&page=2>. Acesso em: 08.12.2016.

<http://www.taringa.net/posts/arte/10405799/Roger-Dean.html>. Acesso em: 05.12.2016.

<https://arcoweb.com.br/projetodesign/entrevista/gringo-cardia-o-arquiteto-23-04-2008>. Acesso em: 29.10.2016.

<https://cademeuwhiskey.wordpress.com/2013/04/19/o-rock-em-10-belas-capas-de-disco/>. Acesso em: 29.10.2016.

<https://rockontro.org/2013/07/04/as-fantasticas-paisagens-das-capas-de-roger-dean/>. Acesso em: 07.06.2016.

<https://rockprogart.wordpress.com/tag/roger-dean-biografia/>. Acesso em: 01.11.2016.

<https://www.pinterest.com/pin/232709505718209710/>. Acesso em: 07.11..2016.